Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

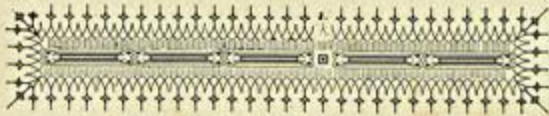
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 465

21 DE NOVEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

El-Rei, sua esposa e o Principe Real estão no Porto. Foi cordialissima e enthusiastica a recepção feita pela liberal cidade do Porto aos seus augustos hospedes. Era de prever. O Porto é uma cidade de verdadeiramente commercial e trabalhadora e os operarios e o commercio carecem, para a sua prosperidade, para o seu trabalho, para o seu desenvolvimento, de socego, de paz e de credito; e tudo isto representam as actuaes instituições, personificadas na pessôa do Rei. Accresce que é a primeira vez que El-Rei D. Carlos, visita o Norte como reinante e parece que este facto, levou os portuenses a festejarem a chegada da regia familia, com muito enthusiasmo e muita alegria. Alem d'isso a Rainha D. Amelia é muitissimo estimada por todos os portuguezes, não só pelas finas qualidades do seu espirito, como pela generosidade caritativa do seu coração; e em frente do doce espectaculo d'aquella familia, que é um exemplo de elevadas virtudes e de verdadeiro amor, d'aquelles esposos que se adoram como simples burguezes estremecendo os seus filhos, curando nas horas em que a etiqueta e os regios negocios lhes deixam livres, da reciproca felicidade, em frente d'essa familia exemplar, todos se descobrem e todos se curvam.

Quando o prestigio da Realesa se allia ao prestigio da Virtude, é certa a conquista da veneração e do respeito das multidões.

Ao que parece os festejos promettem ser explendidos, não só no Porto, mas tambem em Braga, em Vianna, em Guimarães cidades onde o Chefe do Estado e sua familia irão por estes dias.

* * *

Duas mortes temos a registrar: a do Dr. João Felix Pereira e a de Carlos José Barreiros.

O Dr. João Felix Pereira, pondo de parte as suas excentrecidades, era um trabalhador infatigavel, d'uma rara e variada erudição, e que abordava, com felicidade e profundo conhecimento, diversos ramos de sciencia e diversas especialidades de litteratura.

Carlos José Barreiros, foi o organisador do serviço de incendios em Lisboa, serviço que até á data da sua nomeação, em 1867, estava perfeitamente em embryão e que elle teve a rara habilidade de transformar n'uma corporação disciplinada, composta de valentes e destemidos bombeiros, que tantas vezes teem exposto e arriscado a propria vida, no cumprimento do seu rude e aspero dever!

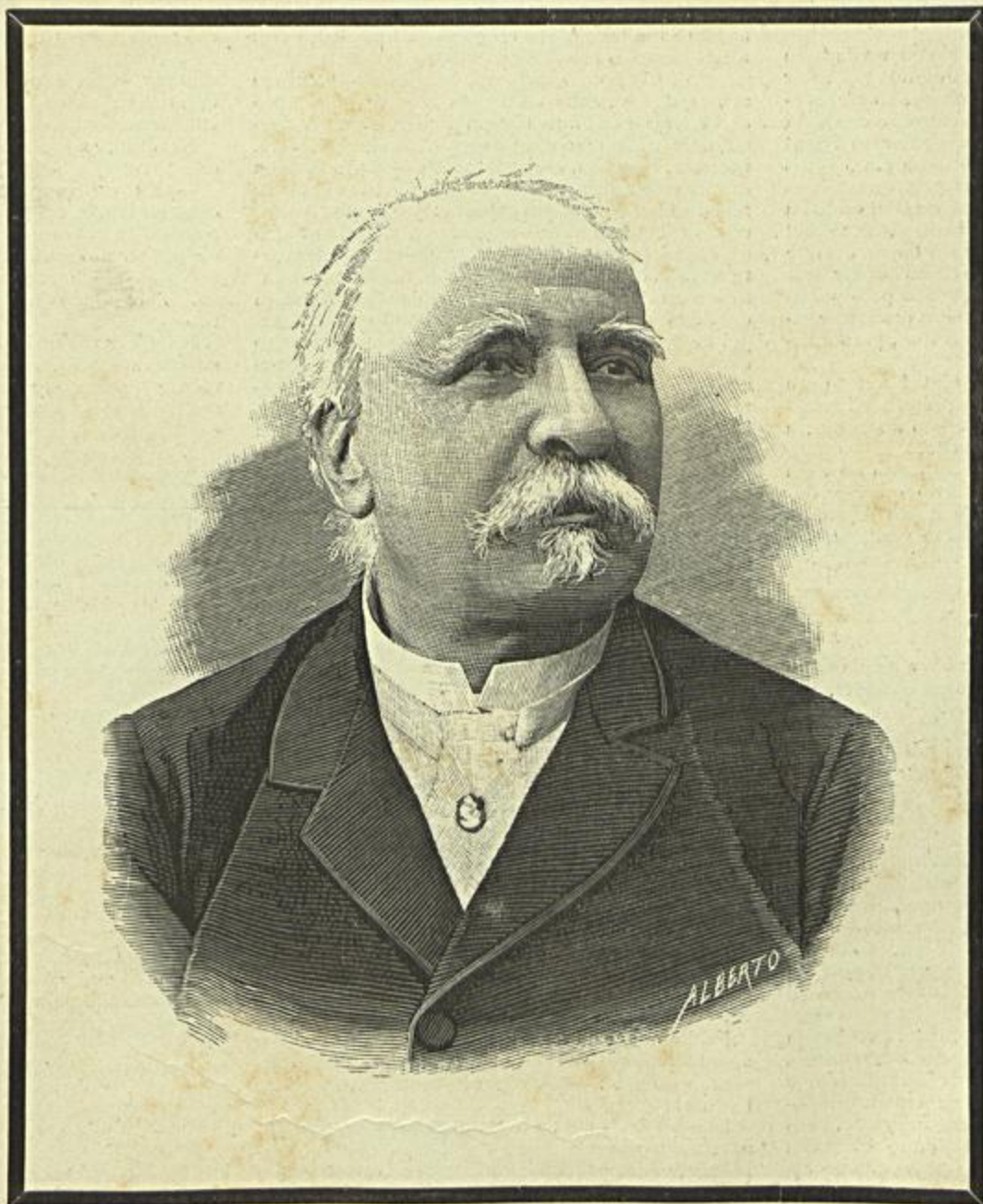
Carlos Barreiros era um homem muito conhecido e estimado em Lisboa, e a noticia da sua morte foi recebida com verdadeira magoa. Aliava ao seu alevantado caracter, e variados conhecimentos, uma coragem digna de mencionar-se; e o mais evidente attestado do que acabamos de escrever, eram as veneras que lhe adornavam, como justo galardão, o seu peito onde pulsava um coração generoso e valente.

Descancem em paz os dois mortos illustres.

* * *

Fallando dos que desapparecem da vida, eis que nos acode aos bicos da penna o nome de um caro amigo, que esteve ás portas da morte e de quem se pode afoitamente dizer, que nos acaba de chegar do outro mundo!

E' Gervasio Lobato! O glorioso escriptor e author dramatico que ha annos tão brilhantemente dirige esta publicação e escreve estas chronicas, tem estado perigosamente doente, podendo hoje dizer-se com afoitesa, que entrou em franca convalescença, o que para a familia e para nós, os amigos que o amamos, é um grande jubilo e uma colossal satisfação.

Gervasio pareceu adoecer primeiramente com um ataque de *influenza*;

FRANCISCO GOMES DE AMORIM — Fallecido em 4 do corrente

(De uma photographia do photographo amador sr. Carlos Relvas)

mas o seu estado não offerecia melhoras e eis que de subito se lhe declara uma affecção grave, gravissima, que encheu de pavor a todos que o estimam, que são todos os que com elle privam. Porque não foi só a familia de Gervasio, a esposa, os filhos, os sobrinhos, os cunhados, que soffreram n'esses dias angustiosos do perigo, quando as operações cirurgicas se repetiam... e a gangrena, nos ameaçava terrivel, negra, medonha! eramos nós tambem, os amigos que andavamos como que aparvalhados, entrestecidos em presença d'este estupido capricho da sorte que assim punha em perigo, uma vida tão preciosa e tão amada. Um moço conhecemos nós que um dia foi a correr, alucinado por essas ruas até a casa de Gervasio a colher informações do doente; e ao ouvil-as lisongeiras deixou-se cahir n'uma poltrona, n'uma suffocação de alegria... n'uma suffocação de lagrimas...

E como este, quantos outros!... E' que Gervasio não tem inimigos. D'elle se pode dizer que até os indifferentes... são seus amigos! A romaria á sua porta foi colossal e como dizem os francezes, que *à quel chose quel malheur est bon*, Gervasio Lobato, teve agora o ensejo de avaliar quanto é estimado e quanto interesse disperta na sociedade de Lisboa, a sua saude e por tanto o seu bem estar.

Felizmente Gervasio Lobato vae melhor e em breve virá occupar de nova, n'estas columnas, o seu posto d'honra.

*
* *

Esta semana, foi a semana das commoções; um amigo que renasce e um outro que... vae á Gloria!

Estranho caso; assim nunca vimos! Pois andamos cá pelo mundo dos bastidores ha um bom par d'annos!

Emfim, uma vez é a primeira.

A isto é que se pode chamar uma verdadeira surpreza, e bem agradavel, mas que nos faz cahir das nuvens! Eduardo Schwalbach que só escreve-ra ha annos uma—registre-se—mediocre comedia em um acto, acaba de fazer representar no Theatro de D. Maria uma comedia-drama em 3 actos intitulada o *Intimo*, que é das peças modernas mais interessantes e pittorescas que ha annos a esta parte se teem exhibido no Theatro Portuguez! E assim de chofre, d'um dia para o outro, eis que Eduardo, desconhecido hontem como author dramatico, se encontra hoje, consagrado pelo publico e pela imprensa, como sendo das primeiras capacidades e aptidões dos nossos dias, para a litteratura dramatica!

E este facto é tanto mais agradavel quanto era menos esperado, uma vez que os predicados indispensaveis para o dramaturgo, como a sizudez, a reflexão, a concentração do espirito, alem da imaginação inventiva estavam, parecia-nos a nós, em briga aberta com o estovamento do caracter buliçoso e bohemio de Eduardo, a quem seja dito, já todos de ha muito lhe conheciam é verdade, brilhantes qualidades de prosador e de jornalista.

*
* *

Pelo elevado merecimento da obra e pela escacez de espaço, não podemos como desejavamos, fazer uma circumstanciada descripção e analyse do *Intimo*.

O que podemos e que nos cumpre é deixar consignado n'esta pagina, a nossa sincera admiração pelo brilhante talento dramatico de Eduardo Schwalbach, talento, que se revella ás mãos cheias em todos os tres actos da afamada peça.

O assumpto não é novo;—*Nihil subsolum novum*, diziam os antigos. Mas se é velho esse assumpto, é todavia originalissimo e nova a maneira porque está tratado, é moderna a delicadeza, o sentimento, o inesperado das situações que a acção da peça conduz logica e coherentemente. Depois da originalidade manifestada no desenvolvimento da acção, ha a prefeição e fluencia do dialogo, a vivacidade da replica, o espirito da phrase, a elegancia da forma! — Os personagens teem a linguagem correspondente aos seus respectivos caracteres e ao periodo da acção em que se encontram. — D'ahi não ha dialogos longos, sem interesse, nem scenas precipitadas ou diluidas. Tudo n'aquella peça tem a justa conta, desde a distribuição do assumpto pelos tres actos, até ao intercalado da acção comica pela acção dramatica,—como se o pulso firme de um mestre porventura houvesse guiado a mão inexperiente de Eduardo Schwalbach.

E que temos nós que o *Intimo* seja a primeira peça de Eduardo! — E' ella bella, habil e genialmente feita?! E'! Então cumpre-nos applaudir e laurear o notavel escriptor dramatico e incital-o a que não durma sobre os louros colhidos, o que poderia leval-o a deixar de proseguir na gloriosa carreira, tão vigorosa e gigantescamente encetada.

*
* *

O theatro portuguez tende a resurgir; o publico applaude e aprecia os originaes; e ao passo que em França, por exemplo, o theatro decae a olhos vistos, entre nós vae adquirindo um brilho que nos enche de verdadeiro jubilo.

Eduardo Schwabach veiu é certo engrossar a talentosa phalange dos nossos authores dramaticos. Ainda bem. Oxalá o talentoso author e nosso amigo, não seja d'aqui a pouco affastado d'estes trabalhos litterarios pelas seduções da politica, essa torpe baccante, que nos nossos dias, mais d'um brilhante author dramatico tem transformado em politicos .. como ha muitos!

*
* *

O desempenho que a companhia do Theatro de D. Maria, deu á comedia de Eduardo Schwabach é excepcional e honra aquelles artistas e o paiz a que pertencem.

Rosa Damasceno desempenha o seu papel, por uma forma verdadeiramente notavel; é ironica, preversa, meiga e insinuante, como lhe determina o seu papel, — por uns processos tão simples e expontaneos que revelam os grandes dotes artisticos da illustrada actriz. A melopeia da sua voz é encantadora! Brazão representa o seu papel distinctissimamente; é brilhante na scena com a amante e sentimental na scena com a filha; este papel é representado todo elle com prazer — prazer que o artista sabe transmittir ao publico. João Rosa tem a seu cargo o papel de marido, e é este o personagem mais palido da peça, mas que o talentoso artista desempenha com toda a convicção que o carecterisa e dizendo a scena final do 2.º acto, com uma mestria que só elle possue. Lucinda do Carmo, ingenua, bondosa, caracter nobre,—muito bem na dicção e na toillete; Cesar de Lima, extravagante e pittoresco e com muito espirito; Emilia dos Anjos, muito ridicula e muito engraçada, Carolina Falco muito distincta, ouvindo e dizendo excellentemente a scena com Brazão no 2.º acto, tendo sentimento e dignidade na sua longa attribulação; Ferreira da Silva mordente e despreoccupado no seu papel de futil jornalista; Augusto Antunes correcto e optimamente caracterisado, como sempre Amelia Vianna grave carinhosa, e todos os mais artistas muito discrectamente, como Umbulina, Carlos Rocha, Carlos O'Sulevand, Joaquim Ferreira, etc.

De proposito aguardamos para o fim d'esta rapida apreciação o nome de Augusto Roza, que não se contentou em representar o seu delicado papel notavelmente, dizendo como ninguem a historia do sapatinho de setim, espirituosamente, alegremente, tendo vehemencia, indignação na scena com Roza Damasceno, e paixão e amor na scena com Lucinda do Carmo, no 3.º acto — como tambem dirigiu os ensaios com a profeciencia que o distingue, imprimindo uma afinação a toda a representação, que bastante contribue e concorre para o agrado geral. O apuro do 3.º acto é primoroso e sem duvida foi o mais cuidado, pela elleganeia e sciencia da *mise-en-scene* que presidiu á sua elaboração, seguindo á risca os preceitos estabelecidos, que determinam que as scenas episodicas de qualquer acto, devem ser representadas alternadamente pelo lado direito e esquerdo da scena, e que as scenas principaes, dominantes, devem ser desempenhadas no espaço optico, isto é, no centro da mesma scena; isto já se vê applicado e posto em execução, segundo o criterio e o bom gosto do ensaiador, como succede n'este caso.

*
* *

Fechamos esta chronica, referindo-nos a um acontecimento que por alguns dias prendeu a attenção do paiz: — a eleição da municipalidade de Lisboa.

Divididos os eleitores em dois grupos, em monarchicos e avançados, foi a illeição bastante disputada, vencendo a lista do governo, e portanto a da monarchia; trasendo á camara a outra facção politica somente 5 camaristas e ainda assim pela minoria.

Este facto acalmou os animos, pois que todos se dão por satisfeitos, tanto os que venceram porque dizem que o nosso credito financeiro se fortaleceu, como os que perderam, por que affirmam que o fizeram honrosamente! Já Francisco 1.º assim escrevia da celebre batalha de Pavia:

— Perdeu-se tudo .. menos a honra!

19 de Novembro de 1891.

Augusto de Mello.

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Um dia, — ha 51 annos, — nos sertões do Amazonas, á sombra das grandes florestas, nas margens do Xingu, um pobre rapaz, cançado do trabalho que lhe exigiam, e faminto talvez, cravava os olhos e embebia a alma nas folhas de um livro, que o acaso lhe deparara entre selvagens.

O livro era o *Camões*, de Garret; e o rapaz era um portuguez de 13 annos, que aos 10 saíra da sua aldeia de Avelomar, no Minho, em demanda da fortuna além do Atlantico.

Chamava-se Francisco Gomes de Amorim.

A grande elegia, que o autôr immortal do *Frei Luiz de Souza* consagrára ao principe dos épicos portuguezes, avivára no exilado moço as saudades da patria, e rasgara-lhe um horisonte estranho, entremostrando-lhe as regiões da arte e a attracção fascinante da gloria.

Alguns annos depois, pisando já o sólo da patria e collocado á beira do seu protectôr e amigo, autôr do livro que em terras distantes o consolára e o despertára para uma existencia nova, Francisco Gomes de Amorim não deixou nunca de têr presente as suberbas paisagens das regiões tropicais, e a belleza grandiosa de eterna epopeia do mar.

Esses reflexos da natureza fecunda e virgem, a magestosa harmonia das ondas, o temporal e a calmaria, os abismos do oceano, a nostalgia e a esperança do marinheiro, deram ás suas prosas e aos seus versos o colorido de paisagens incantadas, o tom quente e affectuoso da saudade, a virilidade sadia e o grito energico do homem que falou com as ondas, ou deu caça a féras bravias em sertões inhóspitos.

Nas notas ao seu drama *O Cedro Vermelho*, diz elle:

—«Eu vivi muito tempo nas florestas; conheci-as na idade, em que a imagem das coisas e das pessoas se grava na alma para sempre; e, apesar de me ter apartado d'ellas há muitos annos, conservo-as ainda retratadas na memoria, como se só, desde poucos mezes, as tivesse perdido de vista.»—

No *Cedro Vermelho*, no *Selvagem*, e noutras narrativas de Amorim, documentam-se admiravelmente aquellas recordações, quanto á paisagem, aos costumes, á flora, e á poesia que resalta da esplendida e luxuriante vegetação dos trópicos.

E a poesia da saudade, e a poesia do mar não se reflecte simplesmente nas prosas de Amorim; mas ainda, e principalmente, nas rimas dos *Efemeros e dos Cantos Matutinos*.

Desde a foz do rio Negro, onde o poeta suspirou os primeiros carmes, timidos, balbuciantes, até á foz do *Tejo*, onde elle veio avigorar e enaltecêr a sua individualidade literaria, o poeta descanta amiude, de involta com as lembranças do sólo natal, os variegados espectáculos do oceano, e os espectáculos grandiosos da natureza americana.

Extasiado no seio de uma floresta virgem, cantava:

Medram aqui agigantados cedros,
Sobem até ás nuvens as palmeiras...
. . . .
Immenso templo magestoso, augusto,
Erguido pelas mãos do proprio Deus,
Tendo milhões de cedros por columnas
E por tecto as abóbadas dos céus.

Conhecia a vida do mar, e era-lhe familiarissima a linguagem do marinheiro, como se vê nesta estrofe da *Corveta*:

Um grito do gageiro,
Que da gávea chegou a seus ouvidos,
O fez erguer ligeiro...
. . . .
—«Navio a barlavento,»—
Esse grito dizia.
E logo o commandante num momento
Para a tolda subia,
— Onde está? —
— Pelo turco de estibordo:
Parece uma fragata,
E corre, como nós, no mesmo bordo,
Só em gáveas e gata.

«Saiu do oceano, coroado de perolas». — disse delle Castilho, que não fôra dos *seus intimos*, mas que não podia nem queria esquivar-se a testimunhar os meritos de Amorim.

Garrett foi quem o destino encarregou de apresentar no mundo literario e juntar aos seus confrades mais um confrade em letras e em poesia.

A apresentação foi solene: um banquete, em que o autôr da *Dona Branca* era o anfitrião, e convivas o maiór número dos primeiros escritôres e poetas desse tempo, e de que ainda restam Bulhão Pato, Thomás de Carvalho, Luís Augusto Palmeirim.

Por isso, morto Garrett, Amorim dizia:

Órfam, só tinha este abrigo!
....
Do teu estro, de ti veio
O fogo que em mim nasceu...

Em Garrett perdêra Amorim o seu primeiro e melhór amigo; em Amorim teve Garrett o seu mais incondicional admiradôr e mais fervoroso e grato discípulo.

A prova são as *Memorias de Garrett*, monumento de trabalho e de piedade, organizado em longas vigilias, através de muitos annos, sôbre documentos e factos, que são os capítulos vivos de uma das mais gloriosas existencias da nossa terra.

*

Extinto o genial poeta de *Dona Branca*, não se estiolou a flôr do sentimento no grande coração de Gomes de Amorim: ainda lhe ficavam amigos, ainda lhe ficava a esposa e os filhos. Da familia fez uma religião, e da amizade fez um culto.

No seu gabinete de trabalho, onde a poltrona de Garrett representava uma reliquia veneranda e memorias gratissimas; onde a preciosa livraria, disposta em magnificas estantes, de uma belleza severa e modesta, nos impunham o respeito que se deve ao estudo e ao talento; e onde a voz affectuosa dos amigos e a garrulice alegre de umas crianças adoraveis tanta vez se mesclava ás scintillações da palavra espirituosa e viva, com que o poeta dos *Efemeros* animava as suas palestras; nesse gabinete, onde eu encontrei muitas sumidades literarias, politicas e artisticas, e que novos inquilinos converterão talvez em casa de pinhores ou armazém de fatos de máscaras; nesse gabinete, e diante do poeta, aprendi eu durante muitos annos, a vêr o que póde o trabalho, a coragem e a fé, postas ao serviço de uma idea generosa e impulsionadas por uma consciencia, que nunca foi mareada de sombras, nem agitada pelo remorso.

A grandeza daquelle coração, a energia e a clareza daquelle espirito, a sua elevada comprehensão do bello, as suas poderosas faculdades de artista, ficam brilhantemente testificadas em dramas como o *Odio de raça*, o *Ghigi*, o *Cedro vermelho*, os *Herdeiros do millionario*, os *Figados de Tigre*, a *Abnegação*, os *Alejões sociaes*; na poesia dos *Efemeros* e dos *Cantos Matutinos*; em romances e narrativas, como os *Selvagens*, o *Remorso vivo*, as *Duas fiandeiras*, *Muita parra e pouca uva*, *Frutos de vario sabôr*, etc.

Tinha 64 annos; mas o seu espirito, affeito á luta, e victorioso sempre, não perdêra jamais a sua virilidade sadía, nem o frescôr da mocidade, nem a graça juvenil. Como o cedro ferido pelo raio, caiu antes de sentir a cárcoma dos annos, antes de lhe fraquejar a seiva no frondejar opulento e bello da alma robusta e grande, mais robusta e maiór que os cipós e as palmeiras, a cuja sombra se expandiu nos entresonhos da gloria.

Caiu. Mas, como na terra sagrada em que os Gracos morreram pelo povo, ergue-se agora o altar imperecível, onde a patria, agradecida e reverente, vai depositar as ofrendas do seu culto e da sua saudade.

Lisboa, 18-11-91.

Candido de Figueiredo.

AS NOSSAS GRAVURAS

BUENOS AIRES

A CATHEDRAL, O PALACIO DO GOVERNO, O PALACIO DO CONGRESSO, A BOLSA DO COMMERCIO

Cumprindo o que promettemos em o nosso numero antecedente, continuamos hoje a publicar mais algumas gravuras representando os principaes edificios da cidade de Buenos Aires, verdadeiras construcções luxuosas e de muita arte.

Principiaremos pelo grandioso edificio da Cathedral, edificado no mesmo logar onde, em o anno 1530 João de Garay fundou a primeira egreja em Buenos Aires. Esta primeira egreja era construida com paredes de adobe e této de palha e foi renovada a espensas do bispo D. Frei Pedro de Carranza, em 1618. Annos depois o bispo D. Arcona Imberto emprehendeu a construcção de uma nova Cathedral no mesmo logar, o que levou a effeito dispendendo se na nova fabrica a valiosa quantia de 80:000 pezos d'oiro. Não teve, porem, grande duração este edeficio, pois se desmoronou em a manhã de 24 de maio de 1753.

A egreja actual foi principiada a construir em 1791 sob o plano do architecto Rocha, levando mais de quarenta annos a edificação. Em 1822 fizeram-se algumas modificações ao primitivo projecto, por proposta do architecto francez Prospére Catelin, construindo-se então a columnata symbolica da fachada principal, e que sustenta o tympano, no qual, em 1860, foi collocado o retabulo biblico lavrado em alto relevo pelo esculptor Duburdieu.

A decoração interior d'este magestoso templo corresponde á sua belleza exterior. E' espaçoso medindo cerca de 140 metros de comprimento por 63 de largo e 58 de altura até ao zimborio.

Está edificada a Cathedral na praça da Victoria tendo junto o palacio episcopal, bom edificio mas simples em sua construcção.

Na mesma praça da Victoria se ergue o palacio do governo, grandiosa construcção, como se vê na gravura, e que tem sido construido sob a direcção do architecto Francisco Tamburini. Está terminado o corpo do edificio que dá para a rua Ridavia e o arco passadiço entre este palacio e o edificio do Correio, estando quasi concluida o resto da edificação que tem frente para as ruas da Victoria e passeio de Colon.

Esta construcção custou ao governo argentino cerca de 2:500:000 pesos.

O Palacio do Congresso Nacional foi construido em 1863 sob a direcção do engenheiro D. Jonas Larguia, e apesar de ser um edificio de boa apparencia architectonica, o governo resolveu em 1887 fazel-o substituir por outro mais opulento. Para este fim abriu um concurso internacional para a apresentação d'um projecto grandioso, e votou para a sua execussão a importante somma 6:000:000 de pesos, sem incluir n'esta quantia o custo das pinturas decorativas e mobilia.

A Bolsa do Commercio é uma construcção mais modesta em relação as que vimos de mencionar, mas ainda assim bastante decorado e de despendiosa fabrica.

Vê-se que a cidade de Buenos-Aires não tem inveja, nos seus edificios publicos, ás primeiras cidades da Europa.

BELGICA

EXCERPTO [1]

Existe entre Portugal e a Belgica certa affinidade. Ambos os paizes situados nos confins de nações poderosas, não só estiveram por egual sujeitas ao jugo extranho, logrando alfim conquistar a sua independencia, á custa de heroicos sacrificios, mas em tempos mais afastados, approximou-os a mesma fé, para se darem as mãos no mesmo campo e subjugarem a soberania mussulmana.

Estas recordações aguçaram ainda mais a curiosidade que sempre tive de conhecer a Belgica.

Das relações que ligaram outr'ora os dois povos, havia eu colhido interessante e copiosa noticia em trabalhos historicos de escriptores belgas.

Já na companhia do conde D. Henrique de Borgonha vieram, entre os cavalleiros francos, alguns belgas, que tomaram parte no auxilio por elle prestado a D. Affonso VI, rei de Leão e de Castella. E estes eram certamente do Brabante, pois na maior parte das guerreiras aventuras d'essas epochas não faltavam os brabançōes, como refere Gauthier de Coinsi, de quem o barão de Reiffenberg cita os seguintes versos:

«cil coterel cil Brebençons
ce sunt deables.»

Quando, porém, se tornaram assignalados os serviços dos cavalleiros belgas á monarchia portugueza, então em vivido fulgor da sua aurora, foi na tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques, n'esse glorioso feito de armas, cuja fama Camões perpetua assim:

«E tu nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras ès princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania aceza;
Tu, a quem obdece o mar profundo,
Obdeceste á força portugueza
Ajudada tambem da forte armada,
Que das boreas partes foi mandada.»

No memoravel anno de 1147 havia-se organisado a segunda cruzada, prégada por S. Bernardo e emprehendida por Luiz VII, rei de França, e Conrado III, imperador da Allemanha. De cento e oitenta vélas se compunha a poderosa armada, que conduzia os cruzados belgas, inglezes e allemães, e que, dirigindo-se ao oriente, pairou na costa de Portugal. N'essa occasião, exhortados pelo nosso primeiro monarcha, e commandados pelo conde de Arschot, saltaram os belgas em terra a pelejar com sarracenos, como aquelles a quem buscavam na sua expedição audaciosa. Em premio de suas façanhas fundou D Affonso Henriques uma colonia dos guerreiros flamengos, que quizeram fixar a residencia nos seus estados, dando-lhes liberalmente terras em que podessem viver. E, como bispo D. Gilberto, que ordenára tres parochias nos principaes bairros de Lisboa, — a de S. Vicente de Fóra, a de Santa Justa e a de Nossa Senhora dos Martyres — introduzindo na sua sé, o breviario e missal da igreja de Salisbury, por escolha sua ficára com a igreja dos Martyres e largára ao rei a de S. Vicente, entregou D. Affonso Henriques esta ao monge flamengo Gauthier, que tambem havia desembarcado com os cruzados do seu paiz. Pertencia este frade á religião premonstratense; e, aproveitando-se da sua auctoridade prioral, foi dispondo os negocios do novo mosteiro, de modo a tornal-o sujeito á sua ordem.

D. Affonso Henriques não consentiu na realisação d'esse plano, e Gauthier houve de tornar-se para frade, d'onde tinha vindo.

Foram, pois, casualmente adquiridas as nossas primeiras relações com o povo belga, e não considero inverosimil, que contribuissem para o casamento, realisado mais tarde, de D. Thereza, filha de D. Affonso Henriques, com Filippe de Alsacia, conde de Flandres, e filho de Thierry de Alsacia, que tambem vinha na segunda cruzada. Filippe era viuvo, sem filhos, de Izabel de Vermandois, e desgostoso com o conde de Hainaut, seu cunhado e seu herdeiro, resolveu, por suggestões de Henrique II de Inglaterra, contrahir segundas nupcias. Partindo para a Palestina em 1177, passou por Lisboa; mas não relatam as chronicas do tempo, que levasse gravada no coração a formosa imagem da gentil infanta. O que todas mencionam é ter o conde, no seu regresso, pedido e obtido a mão de Thereza.

Luzida armada, que transportava tambem os ricos despojos tomados por Filippe aos infieis, saiu do porto de Lisboa, conduzindo a infanta á sua nova patria; e o conde partiu por terra, a cavallo, com vistosa comitiva. Chegou primeiro que sua mulher a Flandres, onde, ao recebel-a, soube que, na costa da Narmandia, os corsarios de Cherbourg assaltaram e roubaram os navios, que comboiavam aquelle a cujo bordo ia a infanta, salvando-se este e mais dois a muito custo; affronta essa que Filippe vingou logo, mandando enforcar os piratas e arrasar Cherbourg, sem tal punição impedir, comtudo, que as bodas dos condes durassem trinta dias, como duraram, e fossem celebradas em Bruges com regia pompa. Thereza tomou o nome de Mathilde, não menos caro aos flamengos do que aos inglezes, a quem pertencia todo o littoral desde a Rochelle até os portos de Flandres, e que tanto interesse mostravam pelo consorcio de Filippe de Alsacia com a infanta portugueza.

Este enlace teve para Bruges, e para Flandres em geral, resultado identico ao que para Portugal adveiu da tomada de Lisboa. Grande numero de portuguezes, que faziam parte do sequito de Mathilde, estabeleceu-se na Belgica, e desde então crearam-se, entre a antiga Lusitania e o condado de Flandres, relações de interesse, que continuaram por quasi tres seculos, com muita vantagem para os dois paizes. E affirma Émile Vanden Bussche, que as primeiras feitorias foram estabelecidas em Bruges por negociantes portuguezes nos principios do seculo XIII, ou para melhor dizer nos fins do XII.

Os resultados da segunda cruzada haviam sido funestissimos. A discordia desunira os chefes do exercito christão. Era consequencia inevitavel do regimen feudal. As difficuldades de transporte, ora através de paizes inhospitos e ingratos, ora por sobre as ondas de procellosos mares; a necessidade de refrescar as forças em frente de um inimigo, que restaurava as suas sem custo; a indi-

[1] Principiamos hoje a publicar um excerpto do excellente livro — *Belgica* do sr. Zepherino Brandão, pelo qual os nossos leitores poderão juntamente apreciar o valor d'esta obra, como o de poucas que hoje saem de prelos portuguezes.

R.

gnação dos imperadores gregos, que se viam despojados das provincias, cujo dominio lhes devia pertencer, como recompensa da sua cooperação; os embaraços de toda a ordem que por espirito de vingança elles punham a seus alliados, e por vezes as suas proprias traições; tudo conspirou para fazer da conquista christã um reino ephemero. Saladino, sultão do Egypto, fez apparecer de novo o crescente nas ruas de Jerusalem, e o grande sepulchro de Christo, — *il gran sepolcro di Cristo*, segundo a alta expressão do Tasso — esse sepulchro libertado por Godofredo de Bouillon, recebeu mais impios ultrages. A christandade estava de luto. Por toda a parte resoavam exhortações vehementes nos pulpitos, mas a voz que mais se ouvia, era a de Guilherme, arcebispo de Tyro. Foi este padre quem prégou a terceira cruzada. Chamou os reis e os povos á defeza da fé, e acudiram logo, o mais illustre dos *Hohenstauffen*, Frederico I, imperador da Allemanha, cognominado *Barba Roxa*; Filippe Augusto, rei de França, e Ricardo, *Coração de Leão*, rei de Inglaterra, que se pozeram á frente do movimento.

Foi então que do Escaut largou uma forte armada, conduzindo allemães e flamengos, em direcção á Terra Santa; os quaes, vendo-se acossados pelo temporal, pois não é costume da fortuna guiar a vontade aos do mar, arribaram a Lisboa. D. Sancho I, querendo aproveitar-se da vinda d'estes hospedes, cuja inacção podia tornar incommodos, convidou-os a tomar parte no sitio que prestes ia pôr a Silves, a seguirem o exemplo dos cruzados, que no de Lisboa auxiliaram seu pae. Os aventurosos guerreiros acceitaram com ancia, e logo ao seu grande armamento reuniram os nossos outro de quarenta galés e galeotas, com muitos transportes de viveres e munições. A soberba praça de Silves capitulou quarenta e cinco dias depois de apertado cerco e da mais cruenta lucta, em que muitos dos sarracenos succumbiram pela fome, e milhares de outros foram chacinados pelas armas dos christãos, levantando immediatamente ferro a frota estrangeira, para proseguir na sua derrota.

É d'esta gloriosa conquista do rei *Povoador*, que nos diz o nosso epico :

> «Mas a formosa armada que viera
> Por contraste do vento aquella parte,
> Sancho quiz ajudar na guerra fera,
> Já que em serviço vae do santo Marte :
> Assim como a seu pae acontecêra,
> Quando tomou Lisboa, da mesmá árte
> Do germáno ájudádo, Silves tomá,
> E o brávo morádor destroe e domá.»

O casamento de Mathilde de Portugal com Filippe de Alsacia teve ainda por effeito, alguns annos depois, a união da joven herdeira de Flandres, a condessa Joanna, filha unica de Balduino VIII, conde de Hainaut e coroado imperador de Constantinopla, com D. Fernando, filho de D. Sancho I, e por esta rasão sobrinho de Mathilde, que tambem era tia de Joanna por affinidade.

Em 1238 desposou D. Affonso III uma princeza aparentada com a familia dos condes de Dampmartin, que foi repudiada depois pelo marido.

Outra alliança principesca se realisou, quasi dois seculos adiante, e foi a contrahida em terceiras nupcias por Filippe III, *o Bom*, duque de Borgonha, conde de Flandres e de Hainaut, com D. Izabel, filha de D. João I.

Veiu a Portugal uma embaixada pedir a mão de Izabel para o duque, e D. João I recebeu-a na villa de Extremoz, onde a esse tempo estava. Depois de algumas conferencias em que reciprocamente se serviram da lingua latina, deu o pae de Izabel o seu consentimento Entretanto os embaixadores haviam colhido informações ácerca do caracter e costumes da infanta, e poderam obter d'ella o retrato, que foi pintado por Jean Van Eyck, expressameute encarregado d'este trabalho pelo duque.

Em 12 de fevereiro de 1429 foram enviados a Filippe pelo senhor de Roubaix, chefe da embaixada, quatro mensageiros, para lhe dar conta das negociações, indo dois por mar e dois por terra. Approvadas estas, foi a infanta recebida por procuração, e, no dia 30 de setembro d'aquelle anno, acompanhou D. João I sua filha ao navio que devia conduzil-a a Flandres e sómente se fez á vela oito dias depois com os outros que o comboiavam. Já perto das costas de Flandres um rijo temporal dispersou a esquadra, parte da qual foi repellida para as costas de Inglaterra, onde a princeza teve acolhida muito cortez. No dia de Natal desembarcou emfim Izabel no porto da Ecluse, descansou aqui alguns dias, depois dos quaes seguiu por Damme para Bruges, e n'esta cidade se celebrou o casamento, no dia 10 de janeiro de 1430, assistindo ás bodas grande numero de principes e senhores de diversos paizes.

Foi deslumbrante o esplendor d'essa festa. As ruas de Bruges estavam alcatifadas com precioso estofo, que sómente sabiam fabricar nos Paizes Baixos; e pannos de arraz de alto liço, cujo segredo a industria belga havia roubado ao Oriente e que serviram de modelo aos celebres Gobelins, forravam por toda a parte pavilhões sumptuosos. Da bôca de estatuas de animaes, artisticamente cinzelados, corriam á discrição o hypocras e os vinhos mais finos. Nos ares fluctuavam as bandeiras agaloadas dos diversos misteres, aos quaes íam encorporar-se turbulentos burguezes, ciosos de seus privilegios e soberbos com a sua opulencia. Para animar os banquetes da côrte, o gosto do tempo tinha imaginado os pratos mais extravagantes. Um d'elles consistia em uma grande torta, contendo um carneiro vivo, pintado de azul com armação doirada. A par d'estes prazeres, então o requinte da elegancia, o povo entregava-se á embriaguez brutal, e, como os soldados de Cesar, em dia de triumpho, tornava-se licencioso e truão. Durante seis dias houve torneios, sendo os vencedores premiados com rubis, diamantes, cadeias e fivelas de oiro. Finalmente n'esta occasião solemne creou Filippe *o Bom*, a famosa ordem do Tosão de Oiro, nomeando logo vinte e quatro cavalleiros. Não foi, todavia, o fim d'esta instituição, commemorar o casamento do seu fundador, ou servir a religião e segurança publica, mas para obedecer á necessidade que elle, o grão duque do Occidente, como lhe chamavam os mahometanos da Asia,

BUENOS AIRES — A CATHEDRAL, NA PRAÇA DA VICTORIA

(Segundo photographia de D. Samuel Boote)

tinha de ostentar o seu fausto principesco, e de apoiar o seu poder na nobreza, cujos membros mais distinctos lhe faziam, onde quer que apparecesse, um pomposo cortejo.

Filippe era filho de João *sem Medo*, a quem traiçoeiramente mataram na ponte de Montereau. Protestou vingar a morte de seu pae, e para pôr em pratica o seu designio contrahiu uma alliança com os inglezes, pelo tratado de Treyes. Estes, dentro em pouco, ficaram senhores de Paris, onde o rei Henrique V casou com a filha de Carlos VI, sendo proclamado regente, com approvação do parlamento. Dois annos depois falleceram Carlos VI e Henrique V, succedendo-lhes Carlos VII. O que salvou então a França foi a maravilhosa e arriscada empreza de Joanna d'Arc, essa camponeza heroica da Lorena que, depois de ter feito levantar o cerco de Orleans e batido os inglezes em Patay, trouxe triumphantemente o rei a Reims. Seguiu-se a reconciliação de Carlos VII com Filippe *o Bom*, vivamente irritado por causa do casamento de sua prima Jacquelina, condessa de Hainaut, de quem era o natural herdeiro, com o principe inglez Humphroi, duque de Glocester. A paz foi assignada no congresso de Arras, em 1435, formado pelos mandatarios dos soberanos do mundo christão, e ao qual assistiu tambem a duqueza Izabel. O poder dos inglezes começou logo a declinar com rapidez no continente, até que lhes não restava senão Calais, que a França recobrou cem annos mais tarde.

(Continúa).

Zephyrino Brandão.

BUENOS AIRES — Palacio do Congresso

(Segundo photographia de D. Samuel Boote)

Instituições sociaes portuguezas

XI

Casa da moeda em Lisboa

Bater moeda é um direito magestatico, um previlegio do poder real, e portanto prohibido aos particulares.

A origem da moeda metalica vem de remotos tempos.

Parece que foram os egypcios os seus primeiros inventores, mas d'essa invenção não restam vestigios.

Na Grecia a invenção da moeda metalica é at-

BUENOS AIRES — Palacio do Governo na Praça da Victoria

(Segundo um photographia de D. Samuel Boote)

tribuida aos lydeos. Os antigos romanos attribuem a origem da cunhagem da moeda a Servio Tullio.

Lefranc, a pag. 48 da sua *Histoire romaine*, referindo-se a este rei diz:

«Le prémier des Rois de Rome, il donna un coin à la monnaie, qui n'était alors que de cuivre, l'image d'une brebi dont elle etait empreinte lui fit donner le nom de *pecunia* (de pecus: gado) nom qui passa aux autres monnaies».

Parece que a palavra *moeda* vem de *moneta*. Um historiador romano diz que a verdadeira moeda data de 289, anno em que se creou o *triumvirato monetal* e que tomou o nome de Juno Moneta (de *monere*, admoestar, advertir, sobrenome da deusa Juno). A essa deusa se consagrou um templo no qual se iam fabricar as peças de cobre e bronze seguindo-se annos depois o fabrico das peças de prata e ouro.

Os senhores suseranos no tempo do feudalismo na França, batiam moeda, mas Luiz XIV pôz termo a este abuso que cerceava as prerogativas reaes, e, pela ordenação de 4 de abril de 1652 estabeleceu a uniformidade da moeda.

Numerosas fabricas de moeda foram estabelecidas em Portugal pelos nossos reis, desde o bravo e exforçado fundador da monarchia até D. João VI, em que as casas da moeda, nos differentes pontos do reino, ficaram unicamente restrictas á de Lisboa.

Convém porém dizermos que antes da fundação da monarchia já nas cidades de Evora e Lisboa se havia batido moeda, como diz Frei Bernardo de Brito na Monarq. Lus. liv. VI cap. XIX:

«Do seu tempo (*do rei godo Flavio Ricaredo, annos de J. C. 601)* ha moeda de ouro e prata batidas em diversos pontos da Lusitania, porque além da que refere Ambrosio de Morales batida em Evora, com seu rosto dambas as partes, e a letra de seu nome com a outra ELBORA IVSTVS, tenho eu outra em meu poder de ouro baixo com seu rosto esculpido grosseiramente, e no reverso huma cruz com esta letra OLISIBONA, PIVS, donde se deixa ver que avia em Lisboa officina de bater moeda em tempo d'este Rey», etc.

Recorrendo ás copiosas noticias com que o erudito academico A. C. Teixeira de Aragão enriqueceu o estudo de numismatica lusitana, bem como a outras fontes analogas, vemos que em 1127 existia em Braga uma casa de moeda mandada estabelecer por D. Affonso Henriques, quando ainda infante.

Eis o que a este respeito diz Viterbo a pag. 141 do tomo II do seu *Elucidario*:

«achamos tão sómente que o Senhor Infante D. Affonso Henriques, occupado todo na guerra contra os que lhe disputavão o Senhorio desta Monarchia e querendo ter da sua parte o arcebispo e clero de Braga; a 27 de maio de 1128 fez áquella cathedral as mais agigantadas Mercês, entre as quaes *foi a da moeda*... etc.

E, citando as regias palavras do alvará, accrescenta:

«Era pois para a fabrica da Sé o rendimento desta *moeda* de que El Rei D. Affonso II a privou».

Vemos mais que existia outra casa da moeda em Coimbra, que durou desde 13 de novembro de 1260 até 4 de abril de 1261 (Aragão: Numisma. Port. — Tomo I pag 54, 58 e 163, nota) — e ainda outra no Porto (a terceira fundada pela monarchia) duas em Miranda e Valença, fundadas por D. Fernando I; outra em Evora por D. João I; outras em Goa, Cochim e Malaca, creadas por D. Manoel; outras em Diu por D. Pedro II e Minas Geraes e Moçambique por D. João V, e uma em Angra por D. Antonio, prior do Crato, que depois foi de novo creada pelo governo da regencia de D. Maria II.

E' pois menos exacto o que diz Manuel Severim de Faria nas suas *Noticias de Portugal*. Discurso IV, § 22, do Tomo II, onde se lê que:

«a primeira casa da moeda que se estabeleceu em Portugal foi no Porto, onde os primeiros Reys deste Reyno fizeram bater Moeda, mandando vir Officiaes Estrangeiros porque os não havia no Reyno, por isso lhes concederão tantos privilegios como ainda hoje tem».

E' possivel que o erudito chantre da Sé d'Evora pretendesse referir-se á circumstancia da casa da moeda do Porto ter sido a primeira de dominio nacional, pois como enunciam alguns numismaticos portuguezes, e designadamente o sr. Teixeira Aragão, o fabrico da moeda era, no seu começo, feita por arrematação particular e portanto, talvez, em officinas que pertencessem aos arrematantes.

Tambem é certo que no reinado de D. Fernando essas officinas pertenciam ao rei como se deprehende da lei de 1371 e de regimento de 8 de fevereiro de 1373, e que mais tarde muitas d'essas officinas estiveram debaixo da inspecção das camaras, juizes de fóra e outras auctoridades, como diz frei Antonio Caetano de Sousa no tomo IV da *Historia Genealogica da Casa Real*.

Outras dessas officinas serviam unicamente para carimbar a moeda, como as de Thomar, Castello Branco, Beja, Tavira, etc., etc. (Aragão: Desc. G. e Hist. das moedas. etc. Tomo I, pag. 63).

Eram grandes os privilegios que gozavam os moedeiros.

Compulsando a antiga legislação, compilada por Duarte Nunes Leão, a *Synopsis Chronologica* de J. A. de Figueiredo e os antigos manuscriptos do archivo da casa da moeda de Lisboa achamos muitas leis que concedem esses privilegios.

Em a carta regia de D. Diniz, dada em Alverca em 7 de julho de 1362 da Era de Cezar (ou 1324 da Era de Christo) se lê:

...«e mandamos, sob pena dos corpos, que em moedeiros non posedes nem lhe filhedes roupa nem nenhũa das otrens svas cousas, nem lhe entredes em seu bairo onde al non façades». (Teixeira Aragão: Tomo I pag 55 nota)

Os moedeiros formaram uma companhia militar, ou milicia, com o seu cabido. O candidato admittido na corporação ajoelhava ante o alcaide que lhe dava juramento sobre os Santos Evangelhos sendo em acto continuo armado cavalleiro pelo alcaide, ou pelo conservador, que lhe punha na cabeça um capacete de ferro dando-lhe em seguida com a espada sobre este duas cutiladas

Estas cerimonias que vieram com o tempo d'el-rei D. Manoel pelo regimento de 22 de março de 1506, continuaram no reinado de D. Pedro II, pois as vemos estatuidas no cap. 75 do regimento de 9 de setembro de 1680, que determina tambem que o moedeiro, depois de ser admittido, pague 4$000 réis, dos quaes dois serão para o conservador e dois destinados ás despezas das festas do Corpo de Deus, para o cabido e outras despezas necessarias a bem e proveito dos moedeiros.

Tinha aquella milicia os seus distinctivos, e, entre estes a sua bandeira, que era de damasco branco e verde, com franjas e cordões de seda das mesmas côres, e ao centro as armas reaes douradas.

Com essa bandeira se apresentaram os moedeiros por vezes na procissão de Corpus-Christi figurando ao lado das outras corporações de artes e officios, que todas levavam as suas respectivas bandeiras.

Pelo alvará de 6 de setembro de 1513 prohibe-se que se tome de aposentadoria as casas dos moedeiros de Lisboa sem especial mandado e faculdade de S. M., estendendo-se o mesmo privilegio ás viuvas que mostrarem ser d'elles.

Por outro, passado em 25 de janeiro de 1521 el-rei D. Manoel determina que todos os que estiverem debaixo dos poderes dos moedeiros, bem como os filhos solteiros d'estes, não fossem presos em cadeias publicas, mas sim, fossem entregues ao alcaide da moeda sem pagarem encarceragem, privilegio que depois foi confirmado pelos Filippes.

Pelo alvará de 20 de janeiro de 1551 se determina que as causas dos moediros sejam tratadas no juiso da conservatoria da moeda.

O de 25 de setembro de 1556 determina que as appellações dos moedeiros venham á casa da Supplicação.

No alvará de 15 de dezembro de 1557 D, João III determina que os moedeiros de Lisboa e officiaes da moeda, sendo demandados por viuvas, sejam as causas conhecidas pelo conservador da moeda, sendo elles réus, e sendo auctores, conhecesse d'essas causas o juiz d'ellas

Pelo alvará de 9 de setembro de 1687 se ordena que os moedeiros que não estejam em exercicio gosem dos mesmos privilegios que os seus companheiros.

D. João IV organisou em Lisboa uma companhia de 104 praças, e outra de egual numero no Porto, quasi todas compostas de individuos negociantes aos quaes era incumbido de irem aos navios tomar conta dos metaes, e cobrar os direitos de entrada, bem como a tarefa da contagem da moeda cunhada.

Outras muitas disposições officiaes poderiamos enunciar que todas acabaram com a revolução liberal em 1820, como se vê pelo decreto de 3 de agosto de 1824 sendo provedor da casa da moeda Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque. Diz esse decreto assignado por D. João VI no paço da Bemposta:

«Tendo cessado com o andar dos annos os motivos porque os meus Augustos Predecessores concederão muitos e mui consideraveis privilegios a certo numero de homens que sem despeza da Minha Real Fazenda servião nos Laboratorios, Officinas e outros misteres da Casa da Moeda, o que presentemente se executa á custa da Minha Fazenda tornando-se por isso perfeitamente inuteis os denominados Moedeiros, e Querendo eu aliviar os meus fieis Vassallos de um vexame que por tanto tempo os tem opprimido, Hei por bem derogar e supprimir, como se nunca tivessem existido, tanto os referidos previlegios dos moedeiros como o seu primitivo Juiz ou Conservatoria, ficando portanto inhibidos os Provedores da mesma casa de passarem Carta de Moedeiro a pessoa ou individuo algum, etc., etc.»

Ficamos hoje por aqui. No artigo seguinte fallaremos da fundação da Casa da Moeda de Lisboa e das diversas phases da sua longa existencia, fazendo todo o possivel para que esta nossa singela exposição fique reduzida ás proporções de um artigo que não seja tão massudo, que se leia com enfado, nem tão extenso que promova o cançasso.

Todos os que escrevem devem ter em attenção o preceito horaciano *utile dulci*, ou o *pauca sed bonus*, de Cicero.

Oxalá o possamos conseguir, para que os leitores nos vão seguindo com agrado.

(Continúa)

Silva Pereira.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXI

Lucta de consciencia

— Porque estás assim a olhar para mim? Interrogou o morgado ao ver que a cigana ficava boquiaberta a fital-o, como a estatua do espanto.

— E' que estou scismando nas entranhas mudanças que vamos fazendo na vida. Aqui onde me vê, velha, miseravel, desprezivel; sem dentes, com a cara coberta de rugas; os olhos sem brilho e as faces sem côr; merecendo o desprezo de toda a gente, despertando o asco, ferida pelos zombaias de populaça réles, apedrejada pelos gaiatos das vielas, fui nova e formosa; requestada de muitos e até de fidalgos, para quem seria uma grande fortuna terem-me, ao menos um dia, por sua amante. Como eu o sr. tambem foi novo e amou, viu passar os melhores annos da sua existencia adormecido pelos prazeres, dissipando largamente o seu patrimonio, e hoje, eil-o como eu, só no mundo, sem um ente que lhe seja caro, não ainda insultado e apupado, mas quem sabe se tambem não chegará um dia a soffrer o que eu tenho soffrido.

— Onde diabo queres chegar com todas essas banalidades? Explosiu Cladio, cascalhando uma risadinha entre cynica e contrafeita?

— Lá vamos, acrescentou Litta, sentando-se o mais commodamente que lhe era possivel n'um velho e corroido banco de pinho. Lá vamos sr. morgado. A idade vae-nos levando a grandes transformações. Ama se hoje o que amanhã se detesta. Os vicios degeneram em crimes e os crimes em virtudes. Ao amor egoista succede-se a paixão das riquezas. Quando se não podem amar as mulheres ama-se o ouro. Tudo é amar. E o vacuo da primeira paixão sente-se cheio pela segunda, ás vezes mais cega e persistente do que essa de que foi tomar logar.

— Vejo que estás hoje nos teus dias felizes de eloquencia, quando lias a *Buena dicha* nas praças publicas aos credulos que te rodeavam para lhe prophetisares o futuro.

— Entre os quaes se contou certa occasião o morgado de Louredo, que não obstante não acreditar na sciencia dos da nossa raça, foi valer-se do seu prestimo para lhe darmos auxilio n'um outro negocio bem melindroso.

— Vejo que apesar de velha conservas ainda boa memoria. Nem tanta era preciso.

— E olhe que já lá vão uns bons oito annos. D'esde então ha tres pessoas que nunca se

me riscaram da vista: o senhor morgado, a senhora morgada e a creancinha que me obrigou a roubar e cujas feições eu era capaz de advinhar, mesmo depois dos annos lhe terem produzido as mais extraordinarias mudanças.

— Mas esse serviço paguei-t'o e a teu marido, por bom preço. Creio que não faltei a cousa alguma do que tinhamos ajustado, portanto direito algum te assiste para exigires de mim maior recompensa. A que vem portanto essas phrases sentenciosas que parecem envolver uma ameaça contra mim? Se amei as mulheres e passei a amar as riquezas, não é isso da conta de ninguem, e muito menos da tua conta porque foste minha cumplice. Creio não ser isso bastante motivo para mostrares tal espanto por me veres fóra do meu solar, usando um nome supposto.

— Mas quem se occulta é porque téme alguma cousa! Ora se o senhor é perseguido, podem muito bem um dia perseguir-me tambem, pedir-me contas da creança que expuz...

— O quê, não a mataste? Rugiu o morgado no auge do furor!

— Matal-a.. Para que, o essencial era dar-lhe descaminho, evitar que soubessem que ella viera de Louredo... Foi isso que fizemos; quando chegámos a Beja....

— O quê foi em Beja...

— Precisavamos seguir immediatamente para a fronteira, alcançar a Hespanha. Varel era perseguido por um crime de assassinio. A creança servos-hia um empecilho, abandonamol-a nos degraus da igreja de S. Sezinando e fugimos. Que destino teve, o que lhe fizeram nunca o soube. A gente da justiça prendeu-nos em Mourão, á cadeia foi procurar-nos o capellão do Convento de Nossa Senhora...

— O capellão do convento?!

— Não sei por quem, descobrira que haviamos sido nós quem havia-mos subtrahido a creança... Neguei a principio, mas o padre obrigou-me a jurar sobre um crucifixo que eu havia dito a verdade... Resolvia-me a negar ainda quando na praça se ouve grande algasarra. Chego á janella da minha prisão. Defronte dos meus olhos estava levantada uma forca e para ella de alba vestida caminhava Varel, encostado a um frade dominicano que o exhortava a bem morrer... De meus labios soltou-se um grito e perdi os sentidos. Durante o desmaio creio haver prenunciado algumas palavras que puzeram o capellão ao facto do grau das minhas relações com Varel, porque ao voltar a mim disse-me: Seu marido está dando contas a Deus do bem e do mal que porventura praticou sobre a terra. Se quer desobrigar a sua alma de algumas culpas que possam ainda ser reparadas, faça-o porque Deus receberá as suas declarações e levar-lh'as-ha em conta.—Estas palavras encheram minha alma d'uma consoladora esperança. Jurei então dizer toda a verdade e confessei que effectivamente havia sido eu e Varel quem haviamos levado de Louredo o filho da morgada.

— Canalha, regougou o morgado, com a voz quasi a estrangular-se-lhe na garganta.

— Contou-me então o capellão que a morgada estava soffrendo a clausura no convento de Nossa Senhora, porque respondera a um processo de divorcio em que ficara provado ser Luiz Ferreira Lobo o pae da creança, que fôra levada do solar de Louredo. Que apesar de todas as apparencias o verdadeiro culpado d'esse crime fôra o proprio morgado que casando com Anna da Soledade, para obter a posse da sua fortuna, não só não tivera com ella as relações que constituem o casamento legal de facto, mas que ainda auctorisara com a sua indifferença as relações amorosas da morgada com Luiz Ferreira Lobo, que era visita de sua casa, com o fim, via-se claramente agora, de obter uma sentença a seu favor no processo e ficar de posse e unico senhor da riqueza da inexperiente creança...

— E depois, se tudo isso fosse como te disseram, que poderás fazer ou que tentarás fazer?

— Quando me alliciou e a Varel para seus cumplices tinha-nos dito que sua mulher lhe havia sido infiel, que havia deshonrado o seu nome e as suas honrosas tradições de familia, que pretendia evitar um escandalo...

— E então?

— Então o sr. morgado era um scelerado peior do que nós, porque, pagando nos para levarmos a creança, obtia a certeza de que no futuro não appareceria esse herdeiro unico e legal a reclamar a herança que era de sua mãe.

— Talvez... E o morgado deixou assomar aos labios um sorriso motejador, que irritou ainda mais as palavras de Litta.

— Era para lhe dizer isto que eu iria até ao fim do mundo procural-o, e ainda mais, que jurei por Deus e pela Virgem fazer quanto em mim coubesse para que se o filho não podesse ser um dia entregue a sua mãe, o criminoso o seria um dia entregue á justiça.

— Toma cautela, não vás buscar corda para te enforcares tambem.

— Nada posso temer, disse a cigana levantando-se e mostrando um extraordinario brilho no olhar Se eu expuz uma creança tu planeaste um crime e executaste o. E' portanto a ti que pedirão toda a responsabilidade, e se me condemnarem ás galés é porque com certeza te darão a penna ultima.

— E não temes que eu te obrigue a calar á força? Sabes que és a unica testemunha viva do meu crime e não vês que posso matar-te para o meu segredo ficar no maior mysterio?

— Não julgo o sr. morgado tão falto de censo. Se apparecesse morta, e de morte violenta, o raciocinio levaria o abegão dos Peres Corrêa a julgal-o o sr. perpretador d'esse crime, porque elle coincidia não só com a sua saida d'esta noite, mas ainda com o episodio d'esta manhã... Bem vê que está seguro e bem seguro nas minhas mãos.

— Dize então o que queres para te calares? Falla e depressa, que sinto exasperar-me.

— Lá vão então as condições. Poderia pedir metade d'essa fortuna, seria esse o verdadeiro valor do meu segredo, mas não quero. Eu sei que tu ries da minha sciencia, escarneces do meu poder sobrenatural, embora, quero sempre dizer-te que nunca pego n'estas cartas que ellas me não respondam: que o filho da morgada é vivo e que mandando emissarios perguntar nas terras mais proximas de Beja por uma creança exposta nos degraus da egreja de S. Sezinando na noite de 13 de março do anno de 1801, ha de sem duvida apparecer essa creança. Pois bem manda esses emissarios ás aldeias e ás villas proximas, restitue a fortuna expoliada e eu prometto que emquanto durarem essas diligencias não direi a ninguem que o morgado de Louredo se encontra em Serpa, usando do nome supposto de Paulo Mendes. Se ao contrario não acceitares estas minhas condições, irei de terra, em terra de logar em logar, em procura d'essa creança, e depois de encontrado o filho, procuro o pae Luiz Ferreira Lobo e denuncio-lhe que se encontra no pavilhão da rua do Calvario o ladrão da fortuna de seu filho.

— Pois bem, por minha vez tambem ponho as minhas condições. Supondo mesmo que o filho de Anna da Soledade esteja vivo a lei que julgou o divorcio é clara com respeito aos filhos espurios, que são todos os filhos adulterinos, não dando a esses, direito de reclamar de seus paes mais do que o indispensavel para alimentos. Para que o filho de Anna da Soledade fosse apenas considerado como illegitimo, ou bastardo, seria necessaria a revisão do processo, annullar o meu casamento e collocar os paes no direito de o poderem legitimar. N'uma occasião d'estas em que os homens de justiça em Portugal são poucos para julgarem os processos das conspirações que diariamente se descobrem, não me parece que se queiram preoccupar com uma questão juridica da gravidade d'esta, em que demais a mais iriam dar por errado o que antes haviam julgado bom direito. Por este lado estou perfeitamente tranquillo. Quanto ao tornares-me victima d'uma vingança particular, tenho tambem a prevenir-te que sou bastante rico e poderoso para que não te obrigue a pagar com a vida a tua ousadia, visto que sei agora por quem me póde ser vibrado o golpe. Aqui tens estas dez peças de oito mil réis, se continuares a guardar segredo, todos os annos receberás quantia igual. Escolhe e adeus!

Dizendo isto Claudio de Castro saiu arrebatadamente e desappareceu nas vielas escusas do velho bairro de Serpa.

Litta ficou por um momento exetatica pensando no partido que deveria tomar.

Effectivamente tinha deante de si as dez peças de oito mil reis, mas que differença do que sentia agora com a alegria que experimentara n'aquella noite em que atirara com os dois rolos de ouro para sobre a mesa da sua casa em Beja, na presença de Losco que ficara deslumbrado. O que sentia agora á vista d'aquelle dinheiro que tinha a mesma proveniencia, era repugnancia, repulsão, tedio. Seria porque o outro ajudara a denunciál-os mais depressa chamando a attenção dos alguasis que os perseguiam pela prodigalidade como gastavam no aluguer de cavallos para alcançarem a fronteira no menor espaço de tempo; porque o restante d'esse dinheiro fôra apprehendido pela gente do alcaide ao darem entrada na cadeia de Marvão, ou porque havia sido com elle que Losco havia comprado uma garrafa de aguardente que produzindo-lhe a embriaguez lhe provocara a congestão cerebral de que morrera? Só ella o sabia, e talvez fossem todas estas ideias que tanto a afastassem agora d'aquelle ouro fatal. Porque emfim que tinha ella com um crime de que pertencia a outro a inteira responsabilidade? E não podia tirar agora todo o partido do seu segredo? Não lhe havia dito o morgado que só ella estava sabedora d'esse segredo? Se o capellão do convento de Nossa Senhora da Conceição visse que a sua prisão podia ser necessaria ao apparecimento do filho da morgada, não deixaria decerto de a mandar prender. Mas tudo cahira no primitivo silencio, certamente que as deligencias da morgada haviam por infructiferas sido postas de parte. E sendo assim não podia explorar bem a critica posição do morgado de Louredo? Os dias angustiosos da sua miseria não poderiam raiar d'ali em diante mais risonhos? Não poderiam ser no futuro menores as suas privações? Porem o seu juramento? Não, não deveria calar-se. Deus reservara-lhe o castigo de ir peregrinar por essas terras a buscar indicações da creança que expozera, e depois de exgotadas todas as pesquizas, todas as deligencias, ir a Beja procurar Luiz Ferreira Lobo, ir ao convento onde existia ainda a morgada e lançar-se aos pés de ambos, implorar de joelhos o perdão para a sua culpa e para Varel, que estava ainda penando na outra vida.

— E' isso, estas dez peças serão consagradas a rehabilitar o meu pobre Varel. Amanhã partirei para Beja, procurarei no convento o capellão que ha oito annos me fallou, declaro-lhe que sei d'um signal particular que o filho da morgada de Louredo tinha no hombro esquerdo e que preciso acabar os meus dias procurando essa creança por toda a parte. Quem sabe, talvez dependa de mim, que levei o desespero ao coração da mãe, levar-lhe um dia a felicidade, fazendo a felicidade do filho.

(Continua) *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

No momento em que principiamos a traçar estas linhas, ouvimos na rua o pregão insistente, lançado á vontade, como a necessidade animal d'um arrouto, gritando — O malcriado.

Ficámo-nos a pensar n'este pregão, que mesmo defronte da janella uma voz mascula soltava cada vez com mais expansão, mais licenciosa, que nos moveu a ver o pregoeiro. Um latagão, barba serrada, barrete preto, o resto tudo preto incluindo a camisa, que nos seus tempos talvez fosse branca, nos pés descalços parecia haverem sapatos pela negridão que os revestia, as mãos destacavam fortemente em tom escuro, do papel branco em que seguravam.

Tinha todo o aspecto do selvagem, do inculto, em guerra instinctiva com a agua, com o mais elementar aceio, e muito á vontade repetia: — O malcriado que sahiu agóra.

Mas quem é que tinha sahido? Era elle, o selvagem, ou o papel que tinha nas mãos? Não era facil responder de prompto a esta interrogação, pela duvida que se levantava no nosso espirito de que o adjectivo malcriado podesse convir ao titulo de uma publicação. Mas então era o selvagem que se apregoava, que se exhibia na sua completa esqualidez?

Para que?

Seria aquelle papel impresso um producto seu, que elle, com tão intranhada vontade, queria reduzir a papel moeda?

Tirou-nos d'estas duvidas um outro pregoeiro que vinha gritando o mesmo pregão — Cá está o Malcriado, e apóz este outro, e mais outro, e outro e uma chusma de malcriados, que nos evidenciaram claramente que se tratava de um jornal, pois que, até o distribuidor que nos trazia os jornaes na noite, nos perguntou se queriamos *O Malcriado*.

Ponha-o para ahi e passamos a ler os jornaes da noite.

Em um d'elles depara-se-nos logo á cabeça com um artigo sobre a liberdade de imprensa, em que se protesta contra a lei que prohibiu os tropos menos aceiados, ou obscenos e exigiu responsabilidades a quem põe o preto no branco e o deita á publicidade.

Mas se é contra isto que o collega nocturno protesta, parece-nos não ter razão porque lá está *O Malcriado* a desmentil o, pelo menos no titulo, quanto á sua proza nada podemos dizer porque a não lêmos.

E meditando sobre estas contradicções que se nos deparam a cada passo, lembrámo-nos de quanta rhetorica se gasta por esse jornalismo para encher papel, fazer politica, e não chegar a nehuma conclusão pratica, nem a de educar o povo, fim especial e santo para que se inventou a imprensa.

Quanta rhetorica se gastou para persuadir o povo que o melhor modo de elle protestar contra a nova lei do municipio era eleger uma camara republicana, como se isso podesse ser tomado a serio. Ainda se lhe dissessem que se abstivesse da urna, que não elegesse vereadores, nem azues nem encardados, ainda isso significaria o protesto, porque era o mesmo que o povo declarar que não queria ser governado pela nova lei e por isso não a acceitando, não dava o seu voto para a sancionar.

Mas eleita uma camara republicana em que consistia o protesto e em que se modificava a nova lei?

Essa camara iria immediatamente entrar em lucta com o governo, ou submettia-se á lei?

No primeiro caso, era uma eleição perdida porque a mesma lei lá dava ao governo o direito de a dissolver. No segundo caso de que servia o protesto?

Era então uma revolução que se queria fazer em Lisboa?

Pois não nos faltava mais nada e para platonismo então melhor ainda.

Tudo correu, emfim, como era de esperar do bom senso publico.

Na terra fez-se a luz, na Lua houve eclipse. Parece um epigrama aos lunaticos, mas a natureza é que assim o determinou. Coincidencia singular que reuniu no mesmo dia uma manifestação de vontade do homem no mundo terraqueo, e um phenomeno dos astros no mundo lunatico.

A lua vellou o seu rosto de prata como boa mãe que sente a dôr de seus filhos, e já que os não podia aquecer no seu seio gelado, tambem lhe não quiz illuminar as faces pallidas de mais uma desillusão.

A urna deu aos candidatos da monarchia dois terços da votação; os republicanos tiveram d'esta vez uma votação inferior á das ultimas eleições que se realisaram. Faltou-lhes a ajuda dos monarchicos e a maré baixou.

Cada qual no seu campo e assim é melhor, pelo menos mais moral.

E como a maré vae em baixa-mar para a Republica, a viagem da familia real está sendo objecto das mais gratas manifestações de sympathia no norte de Portugal.

Sem festas ostentosas, porque os tempos não vão para esses gastos, muito pacatamente, muito em familia, os monarchas portuguezes, tem recebido na Cidade Invicta o mais cordeal acolhimento e as provas mais evidentes de quanto está arreigado no coração portuguez o amor ás instituições, apesar do muito que á sombra d'ellas se tem abusado.

Lembra-nos a historia do joelheiro judeu contada por Alexandre Dumas.

O judeu foi viver para Roma um anno, para no seio do catholicismo se converter á fé christã.

Por fim voltou a Paris e fez-se christão.

— Então sempre se converteu, interrogava-o o visinho christão.

— Converti, e accrescentava ; vivi um anno em Roma e observei que se commettiam taes abusos á sombra d'esta religião, que acabei de me convencer que ella era superior a todas, visto ainda existir, apesar de todos aquelles abusos que á sua sombra se faziam.

João Verdades.

BUENOS AIRES — A Bolsa do Commercio

(Segundo photographia de D. Samuel Boote)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Cega-Rega *pamphleto semanal* por Beldemonio. Lisboa 1891. Publica-se aos domingos, compondo-se cada numero de um folheto com 40 paginas, formando cada 13 folhetos um volume independente.

Depois de um longo silencio nas lettras patrias apparece agora Beldemonio com a sua *Cega-Rega*. São picadas de alfinete para um lado e para o outo, com o espirito mordaz que todos reconhecem no auctor. Critica synthetica do que para ahi vae na litteratura, no jornalismo, na politica. Deve ter largo consumo a *Cega-Rega*, é o que lhe desejamos e o sen auctor ainda mais.

Revista General *para impresores, litógrafos, encuadernadores y ramos anexos*, anno II, n.º 12, Barcelona. Esta revista é enviada gratis a todas as officinas typographicas, litographicas e de encadernação, e é de muita utilidade para estas industrias, porque dá noticia de todos os progressos que as mesmas estão realisando em cada dia, noticias que são acompanhadas com dezenhos de machinas e outros uttensilios, e bellos especimens de vinhetas etc.

Relatorio e Contas *da administração da Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres a cargo da dissolvida Associação Academica de Lisboa etc.* Lisboa, 1891. Esta sympathica e util instituição, que estava annexa á dissolvida Associação Academica de Lisboa, soffreu consideravel deminuição nas suas receitas e desenvolvimento com a referida dissolução; apezar d'isto, porem, foram ainda importantes os subsidios que dispensou nos dois ultimos annos aos estudantes pobres, como se conhece do seguinte resumo :

Em 1888-1889 subsidiou 38 estudantes, dispendendo :

Em livros	84$656
Em propinas e matriculas	77$240
Em mensalidades	118$500

Em 1889-1890 subsidiou 57 estudantes dispendendo :

Em livros	137$465
Em matriculas e pupinas	236$520
Em mensalidades	160$500

Publica este relatorio os nomes dos benemeritos snbscriptores que concorreram para os beneficios prestados aos estudantes pobres e entre aquelles encontra-se o nome da Ex.ma Sr.a D. Maria Magdalena Guerreiro Collares, com o importante donativo de 100$000.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43